

Distribuição complementar consonantal nos dados do AUFAGO¹

Consonantal complementary distribution in the data of the AUFAGO

Sebastião Elias Milani²

Universidade Federal de Goiás

Resumo: Neste artigo demonstram-se os casos de alofonias consonantais interna, quando variam os fones do fonema, e externa, quando um fonema faz par com outro por substituição num vocábulo, nos dados do *Acervo audiovisual da fala goiana - AUFAGO*. Os dados usados são dos cinquenta pontos apresentados no ALINGO – *Atlas Linguístico de Goiás*. São inúmeros os casos de distribuição complementar encontrados na fala dos goianos. A maioria é comum em toda *hipoglossia caipira* e herdada do latim, entretanto, algumas construções são advindas dos hábitos linguísticos locais, por isso, são surpreendentes.

Palavras-chave: Fonema. Alofone. Goiás. ALINGO

Abstract: In this article we show the cases of internal consonantal allophones, when they vary from the phones of the phoneme, and external to the phonemes, when a phoneme pair with another by substitution in a word, in the data of the *Acervo audiovisual da fala goiana - AUFAGO*. The data used are of the fifty points presented in ALINGO - Linguistic Atlas of Goiás. There are numerous cases of complementary distribution found in the speech of the Goianos. Most are common in all hypoglossy and inherited from Latin, however, some constructions are derived from local linguistic habits, so they are surprising.

Key-words: Phoneme. Allophone. Goiás. ALINGO.

Recebido em 15 de janeiro de 2018.

Aprovado em 10 de março de 2018.

Introdução

Há um grande número de variações alofônicas nos fonemas na fala dos goianos. Há, entretanto, a necessidade, do ponto de vista fonético-fonológico, de demonstrar o que seja alofonia interna, variação nos traços distintivos de um fonema, do que seja alofonia externa, distribuição complementar de fonemas diferentes, no mesmo item lexical, realizações fônicas outrora opostas ou fonemas, que se colocam como não opostos ou complementares, ou como alofones contextuais.

Neste texto, as noções de fonema e de alofone serão as de Dinah Callou e Yonne Leite, na obra *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. As autoras escrevem que “a noção atual do termo fonema estava latente na distinção *langue-parole* de Saussure e a ideia do contraste fonêmico estava presente nos trabalhos iniciais de E. Sapir” (2003, p. 36).

¹ Acervo Audiovisual da Fala Goiana – AUFAGO.

² Professor associado IV do curso de Letras da UFG. E-mail: sebaselias37@hotmail.com

Segundo as autoras, em Saussure estava clara a ideia dos fonemas como entidades opositivas, relativas e negativas.

(...) a mudança fonética não afeta as palavras, e sim os sons. O que se transforma é um fonema; sucesso isolado, como todos os sucessos diacrônicos, mas que tem por consequência alterar de maneira idêntica todas as palavras em que figure o fonema em questão; é nesse sentido que as mudanças fonéticas são absolutamente regulares (SAUSSURE, 2006, p. 167).

A partir do Círculo Linguístico de Praga, o fonema passou a ser a menor unidade fonológica da língua, segundo as autoras. Bloomfield, em 1933, na obra *Language*, definiu fonema como a unidade mínima de traço fônico distintivo, indivisível. Em Emile Benveniste, no Capítulo X, dos *Problemas de Linguística Geral I*, falando da noção de nível de análise linguística, aponta para a natureza discreta e articulada dos elementos da língua. Callou e Leite dizem que o conceito de elemento mínimo para o fonema forneceu à Linguística uma unidade discreta e segmentável de análise, fato que gerou um grande avanço.

O fonema é um som que, dentro de um sistema fônico determinado, tem um valor diferenciador entre dois vocábulos. A realização fônica em si vai interessar à fonética, à fonologia interessa a oposição dos sons dentro do contexto de uma língua (CALLOU E LEITE, 2003, 37).

Do ponto de vista da Glossemática, a fonética estuda a substância do plano de expressão e a fonologia a forma do plano de expressão. A substância é a articulação e a forma é o conjunto articulado. A articulação se compõe dos traços distintivos. O conjunto é a unidade chamada fonema. A oposição de traços numa mesma cadeia de significantes, plano de expressão, que, ao gerar significados distintos, resulta no reconhecimento dos conjuntos de traços distintivos como fonemas. O conjunto forma uma unidade. É assim que o fonema aparece na cadeia falada. Apesar de se distinguir os traços, isso é uma ação metodológica, profundamente arbitrária, da qual o falante não tem, naturalmente, conhecimento.

O princípio da comutação diz que reconhecemos como fonemas “somente os elementos que distinguem, pelo menos, dois signos, que são, de resto, completamente idênticos” (LOPES, 1980, p. 131) / Todos os casos de alofonia se referem a unidades do plano de expressão situadas exatamente no mesmo contexto fônico, possuidoras da mesma distribuição (LOPES, 1980, p. 136).

Está dito que os traços distintivos não têm valor independente. Assim sendo, em um conjunto entram certos traços e em outro conjunto outros traços. Às vezes, a distinção de um para outro conjunto é de apenas um traço, e pode causar a distinção entre dois vocábulos e duas frases. Como os traços dos fonemas não são estruturas exatas, mas um feixe de possibilidades, como disse Roman Jakobson, o mesmo conjunto, ou fonema, pode apresentar forma variada, a depender do ambiente fonológico e, às vezes, social em que está realizado. Costumam-se nomear essas variações no interior do conjunto de alofones, ou seja, variações de fones em um mesmo fonema.

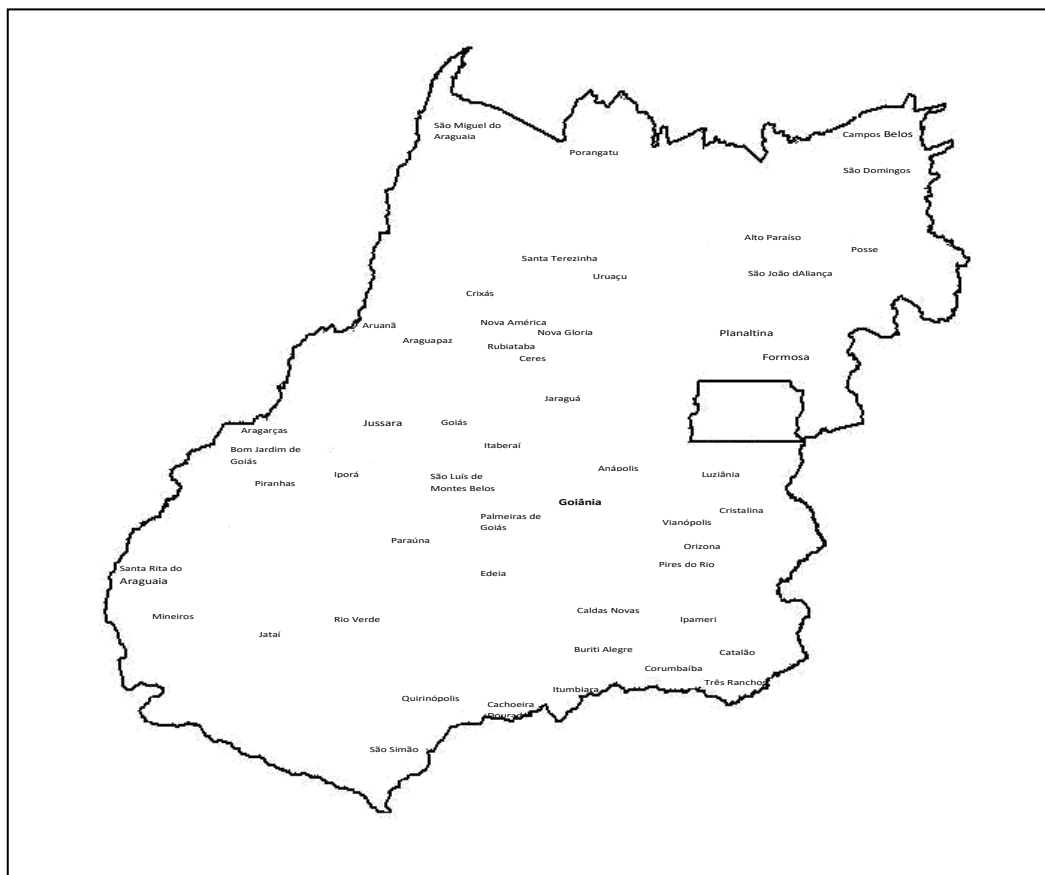
Diz-se tradicionalmente que as variantes ou alofones podem ser de vários tipos: posicionais, regionais, estilísticas, livres ou facultativas. (...) as posicionais decorrem do próprio contexto fônico. (...) variação livre decorre de características individuais do falante (...) aparentemente livre para Labov. (...) A variação linguística, em geral, é condicionada de forma consistente dentro de cada grupo social, dentro de cada região e seria parte integrante da competência linguística (CALLOU E LEITE, 2003, p. 42-43, catando).

1. Casos de alofonia interna ao fonema

Os itens lexicais *nascente* e *morrote* apresentam casos típicos de alofonia para o fonema /t/ da fala regional goiana e típica da *hipoglossia caipira* da qual o *goianês* faz parte. Ocorreram para esses vocábulos as formas *nascente* [na'sẽʃi] / [na'sẽti] e *morrote* [mo'xõʃi] / [mo'xõti]. A forma africada [tʃ] é comum a todo o estado de Goiás. A pesquisa do ALINGO – *Atlas linguístico de Goiás* demonstrou que a população nascida em Goiás com menos de quarenta anos usa essa variante para esse fonema. Ela é a forma preferida pelos cidadãos goianos, portanto. A forma [t] é típica entre os falantes que têm influência dos falares nordestinos e nortistas, onde é o mais típico e prestigiado. Diferentemente do estado de São Paulo, em que ele ocorre vinculado também aos falantes que têm descendência italiana, ou que vivem em locais onde existe a predominância da fala com essa influência.

O alofone [tʃ] ocorre por todo o estado de Goiás, nos 50 pontos pesquisados, de norte a sul de leste a oeste. Por sua vez, o alofone [t] ocorreu predominantemente nas fronteiras da Bahia ou nas fronteiras onde uma rodovia federal, cuja origem é em Brasília, encontra outro estado. Isso ocorre por causa do grande fluxo de caminhões e ônibus: Goiás fica exatamente no centro do Brasil. Ocorreu no item lexical *nascente* em Posse, na fronteira leste com a Bahia, e em Aragarças, na fronteira oeste com o Mato Grosso. Com *morrote* e *artifício* [ahti'fisõ], ocorreu em Campos Belos. *Tiro* [ti'ro] ocorreu em Formosa. *Mãe de leite* ['mẽj di'lejtɪ], em Posse e São Domingos. *Enteado* [ẽtr'ado], em

Porangatu. *Espiritismo* [spirɪ'tismʊ], em Araguapaz, Porangatu e Jaraguá. *Vitrô basculante* [vi'tro vaskʊ'lãti], em Aragarças. *Sutien* [sutɪ'ã] e *lote* ['lotɪ], em São Domingos.



Quadro 1 - Pontos de coleta do AUFAGO

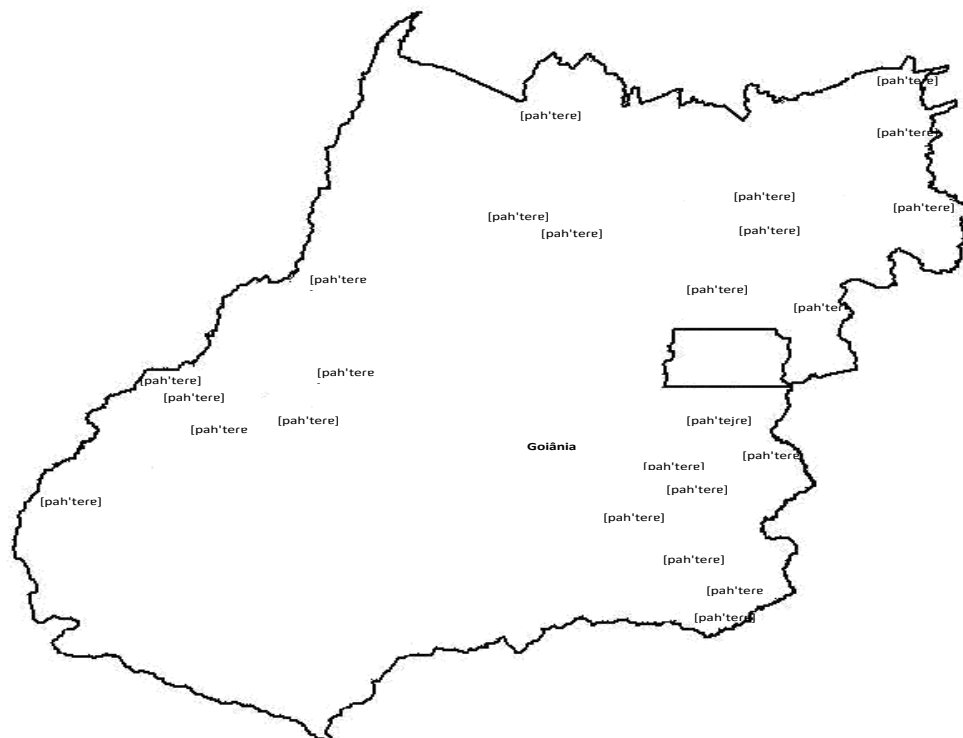
Posse, São Domingos, Campos Belos e Porangatu são cidades do nordeste do estado, na fronteira com a Bahia e o Tocantins, região de forte influência dos falares baianos, maranhense e piauiense. Aragarças fica na fronteira oeste com o Mato Grosso, às margens de uma rodovia federal, como Jaraguá, Formosa, Posse e Porangatu. O que se diferencia dessa regra é Araguapaz, mas foi uma única ocorrência, apenas com esse vocábulo. O mesmo informante não repetiu esse alofone com nenhum outro vocábulo.

Esse alofone, na verdade, é a forma do fonema, já que é a mais recorrente, acontece no contato com todas as outras vogais e também com as consoantes líquidas /r/ e /l/, nos encontros consonantais próprios. Entre os falantes nativos de Goiás, pode-se observar que o estado fica dividido, a ocorrência acontece na fronteira com a Bahia, leste do estado. É uma região de forte migração nordestina que fica isolada do resto do estado

por uma grande reserva florestal e pelo Distrito Federal, justamente o que fez a migração acontecer nos anos 60 e continua sendo um atrativo para quem busca um novo estilo de vida.

Deságua [di'zag^{wə}] e [dʒi'zag^{wə}], *tarde* ['tahdɪ] e ['tahdʒɪ] ou ['taɾdʒɪ], *redemuinho* [xedi'mũ̃j], *mandioca* [mẽdi'okɐ] etc. O fonema /d/ e seus alofones assume comportamento muito semelhante ao fonema /t/. Isso não é fato somente na variante de Goiás, mas em todas as variantes brasileiras. Eles formam um par que se distinguem pelo traço da sonoridade. Frequentemente são confundidos e trocados. As características comuns fazem com que as regras de mudança sejam as mesmas para os dois. Assim, no encontro com o fonema vocálico /i/, em qualquer um de seus alofones [ɪ e ɪ̃], faz com que ele sofra uma africacão, ou seja, ele passa de oclusivo dental para um estado intermediário entre o oclusivo e o fricativo, ou seja, africado, e o ponto de articulação dos dentes para os alvéolos.

Bebedouro [bebe'doɾ] / [bebe'doh], *inverno* [ĩ'vehno] / [ĩ'veɾno], *tarde* ['taɾdʒɪ] / ['tahdʒɪ], esses três itens lexicais apresentam variação no rótico /ɾ/ da coda de sílaba. Esse fonema apresenta outras variáveis que serão apresentadas a seguir. O que deve ser salientado é que a pronúncia gloto-velarizada [h] tem uma distribuição diatópica semelhante ao [di/ti], apresentados acima. O item lexical *parteira*, entretanto, apresentou um comportamento surpreendente, explicável somente como um aprendizado vinculado ao vocábulo. Em quase todos os pontos de coleta foram encontrados [pah'terɐ] e [paɾ'terɐ], quando o esperado era que somente o retroflexo se estendesse por todo o estado.



Quadro 2 - (www.labolinggo.letas.ufg.br/up/437/o/mapa_1_pontos_de_coleta_parteira.docx)

Esse mesmo rótico apresentou outros alofones com vários itens lexicais. *Arvoredo* [ɐʁvo'redɔ] / [ɐwvo'redɔ], *arco da velha* ['aʁko də'velɐ] / ['aʁko də'vejɐ] / ['aʁko də'vejɐ], *arco-íris* [aʁko'iris] / [arko'iris] / [awko'iris] / [ahko'iris], *estrela dalva* [is'trelɐ 'dawɐ] / [is'trelɐ 'daɾvɐ] / [is'trelɐ 'dawvɐ] / [is'trelɐ 'daɾvɐ], nesses quatro itens observam-se o retroflexo, a forma mais comum, o apical no vocábulo arco-íris [arko'iris], o glotalvelar também na forma arco-íris [ahko'iris], o lateral em arco da velha e estrela dalva e a vocalização que ocorreu em arvoredo, estrela dalva e arco-íris, que é muito comum na fala dos goianos. A vocalização [w] é uma forma atribuída quase sempre à hipercorreção, mas, em geral, as pessoas que dizem [mawmi'tɛks] ou ['gawfɔ] desconhecem as outras formas, sobretudo, a norma padrão para esses vocábulos, já a aprenderam assim.

O fato interessante é que a vocalização ocorre nos falantes do retroflexo, nos falantes das outras variantes desse fonema não se obteve registro da vocalização. No item *estrela dalva*, o processo ocorre inversamente, a forma de origem é /l/. Esse fonema é normalmente vocalizado [w] entre os falantes goianos. Seguindo a mesma regra, produz-se um rotacismo entre o retroflexo e a vocalização, tanto para uma forma de origem /r/ quanto para a outra /l/. Provavelmente, são os fortes traços de vogal do retroflexo e sua

falta de prestígio em tempos atrás, ainda recentes, que facilita essa substituição. Segue o mesmo padrão o item lexical *alcoólatra* [aw'kɔlatrɐ] / [aɫ'kɔlatrɐ] / [a'kɔlɛtrɐ] / [aɫ'kɔli] / [aɫ'kɔlɐ] / [ɛɫ'kɔl^atrɐ].

O item lexical *cruzeiro do sul* [kru'zejɾo dɔ 'suw] / [kru'zejɾo dɔ 'su] / [kru'zero dɔ 'suɾ] / [kru'zero dɔ 'suɫ] apresenta quatro realizações distintas. Três delas com a mesma característica de *alcoólatra* e *estrela dalva*. A realização com o alofone zero [kru'zejɾo dɔ 'su] se diferencia. Nas formas verbais em infinitivo é comum a aférese do fonema /r/ que é o morfema aditivo derivacional marca de infinitivo. No vocábulo *alcoólatra* também ocorre [a'kɔlɛtrɐ] e é comum se ouvir nas ruas de Goiânia a síncope ou a aférese desse alofone. Esses vocábulos não são constituídos pelo fonema /r/, ele aparece pela rotação do retroflexo /ɾ/ com a vocalização do /l/>/w/. O que se pode deduzir é que a forma do retroflexo, um alofone de /r/, é que possibilita a síncope e a aférese do fonema.

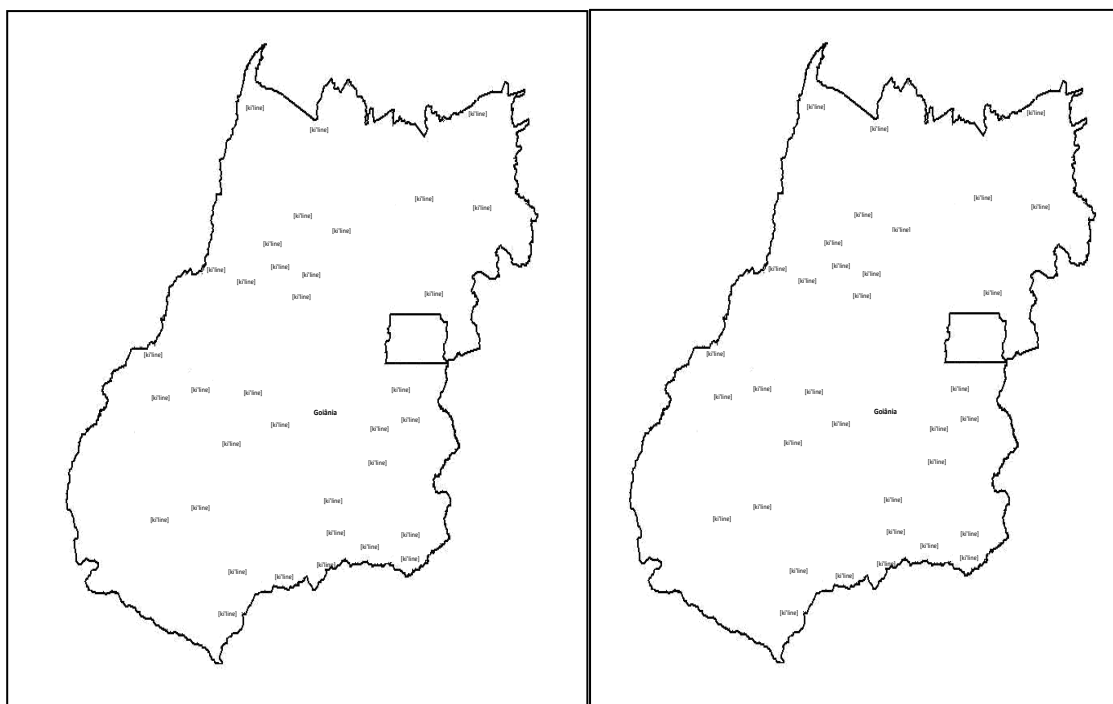
Nos itens lexicais *montanha* [mõ'tẽjɐ] / [mõ'tẽjɾɐ] e *amanhã* [amẽj'ẽ] / [ɐmẽj'ɾẽ], têm-se exemplos das pronúncias possíveis para o fonema nasal-palatal /ɲ/. Na fala de muitos goianos ouve-se a vocalização desse fonema. A marcação da nasalidade permanece. Isso se generaliza para as realizações desse fonema, os diminutivos: *toquinho* [to'kĩu] / *chegadinha* [ʃegɐ'dʒĩɐ], verbos (ponhar) *ponha* [põj'a], [sõj'a] [sõj'eɪ] etc. e independe da posição do acento na palavra. A vocalização de fonema na fala caipira goiana é extensa e se aplica a todos os fonemas palatalizados. Com o fonema [ɺ] *pedregulho* [pedre'guɺo] / [pedre'guljɔ], *milho* ['miɺo] / ['miljɔ] / ['mij], *trilha* ['triɺɐ] / [tri'ljɐ] / *trilheiro* [tri'ejɾo] / *trilho* ['triw] / ['trij], *rebojo* [xe'boʒo] / [xe'boj]. Não apareceu na coleta com o fonema /ʃ/, mas é comum se ouvir a pronúncia para o vocábulo *embaixo* [ĩ'baɺ], com a presença da vocalização.

2. Casos de alofonia externa entre pares de fonemas

No léxico *neblina*, observa-se a distribuição complementar entre /l/ e /n/ no início do vocábulo: [ne'blinɐ] / [le'blinɐ], [le'brinɐ] / [ne'brinɐ] / [nɛ'brinɐ], [li'blinɐ] / [li'brinɐ] / [ni'blinɐ]. Essa substituição do /n/ pelo /l/ é comum a todas as variantes do português e é herança do latim. O que possibilita a substituição é o ponto de articulação e o fato de ambos os fonemas serem sonoros. Nesse mesmo vocábulo, observa-se o rotacismo entre /l/ e /r/, na sílaba tônica. Esse rotacismo entre as líquidas ocorre em toda a história da língua portuguesa. Um caso interessante é o vocábulo *problema*, que aparece pronunciado [pro'blemɐ] / [pro'bremɐ] / [po'bremɐ] / [po'blemɐ]. A forma mais

comum é [poblemɐ], que parece ser uma hipercorreção de [pobremɐ]. O fato é que esse item lexical é muito difícil de ser pronunciado na forma padrão, porque é uma sequência de oclusivas bilabiais e líquidas.

Caso semelhante ocorre no vocábulo *crina* ['krinɐ], o pelo que o cavalo tem em cima do pescoço. A forma mais comum de pronúncia foi [ki'linɐ]. Ocorreu em todo o estado de Goiás, em todas as variantes sociais de idade, de sexo e de escolaridade. A forma [ki'rinɐ] só ocorreu uma vez. E as formas ['klinɐ] e ['krinɐ] ocorreram por todo o estado. O que pode ter acontecido é o rotacismo entre /r/ e /l/ ['krinɐ] e ['klinɐ], em seguida a epêntese gerando a forma [ki'linɐ]. Essa mesma epêntese ocorreu em [ki'rinɐ]. Muitos informantes falaram mais de uma das formas, diziam que usavam uma delas, mas que conheciam outras porque ouviam os conterrâneos dizerem. Apareceu também duas vezes a forma ['grinɐ], o fonema /k/ e /g/ formam um par de oclusivos velares que se diferenciam apenas pelo traço da sonoridade, por isso são facilmente confundidos.



Quadro 3 - (www.labolinggo.letas.ufg.br/up/437/o/mapa__crina.docx)

Os vocábulos *sabugo* [sa'bugɔ] / [sa'bukɔ], *mungunzá* [mũkɔ'za] / [mũgɔ'za] / [mukɔ'za] e *cócegas* ['kɔs'gɐs] / ['kɔs'kɐs] / ['kɔskɐs] também apresentam a substituição

de /g/ e /k/. Diferentemente do item lexical *crina* em que se tem o par surdo do fonema substituído pelo sonoro, no caso de *sabugo*, de *mungunzá* e de *cócegas* é o sonoro substituído pelo surdo. Esses pares de fonemas que se distinguem por apenas um traço sempre podem ser trocados entre si. São muitos os fatores que podem gerar essa troca, porém o mais comum é a ocorrência de uma má compreensão da pronúncia que se espalha através de lideranças sociais.

O vocábulo *granizo* apresenta na fala em Goiás várias formas: [grẽ'nizɔ] / [gra'nisɔ] / [grẽ'nisɔ] / [grẽ'nitɔ] / [gra'nitɔ]. Na última sílaba aparecem três realizações de fonemas em distribuição complementar /s/, /z/ e /t/. As realizações [grẽ'nitɔ] / [gra'nitɔ] são evidentemente uma confusão de significação, *granito* é um tipo de pedra que fica confundido com a *pedra de gelo*. As outras duas [grẽ'nizɔ] / [gra'nisɔ] / [grẽ'nisɔ] são compostas por fonemas cuja realização é muito parecida. Ambos são fricativos e alveolares, formam um par, diferenciando-se apenas pelo traço da sonoridade.

Nos vocábulos *relâmpago* [xe'lẽpadɔ] / [xe'lẽpagɔ] e *amanhecendo* [ɛmẽjɛ'sẽdɔ] / [mẽjɛ'sẽnɔ] aparecem dois fonemas com os quais o fonema /d/ pode fazer par: o /g/ e o /n/. Com o fonema /n/ é frequente em todos os gerúndios, sempre perdurando o /n/, porque o traço marcado da nasalidade se sobrepõe aos outros traços: oclusivo, dental e sonoro. Para além dos gerúndios, sempre que existir a composição nd, a nasalidade perdurará, assim, *quando* fica pronunciado ['kwẽnɔ] / ['kwẽn]. Quanto ao fonema /g/, ele tem em comum com o fonema /d/ os traços oclusivo e sonoro. Mesmo sendo o ponto de articulação distante entre si, dental e velar, eles formam par e frequentemente o /d/ é substituído pelo /g/.

Os fonemas /b/ e /v/ em português formam um par que se costuma chamar na linguística diacrônica de *degeneração*. Na fala em geral é comum se dizer para *vassoura* [ba'sorɛ] ou [va'sorɛ] e para *assobio* [ɛso'biɔ] ou [ɛso'viɔ]. Em espanhol esses fonemas se tornaram um só, e, apesar da escrita ainda manter a etimologia, os falantes não distinguem os traços articulatorios distintivos entre as letras b e v. Desse mesmo modo, os itens lexicais *bravo* e *vagem* apresentaram várias realizações ['bravɔ] / ['brabɔ] e *vagem* ['vaʒẽj] / ['baʒẽj] / ['vaʒi] / ['baʒi] / [baʒi'adɔ]. A troca é tão frequente que o verbo é *bagear*, apesar de o substantivo ser na norma padrão *vagem*, derivado do latim *agina*. A mesma frequente troca ocorre em *bravo* e seus derivados [bra'vezɛ] ou [bra'bezɛ].

Esse processo chamado de degeneração também pode ocorrer entre os fonemas /v/ e /g/. A palavra é *vomitar* ou seus derivados [vomi'ta] / [vumi'ta] / [vumi'to] / [vu'mitɛ]

/ [gumi'ta] / [gumi'to] / [gu'mitɐ] / [go'mitɐ]. É um par em que os traços distintivos são diferentes, o /g/ é oclusivo, velar e sonoro e o /v/ é fricativo, lábio-dental e sonoro. Eles têm apenas um traço em comum o da sonoridade e o ponto de articulação é distante.

Rodamoinho ou *redemoinho*, realizações [vidʒⁱmũɲo] / [xidʒⁱmũɲo]. Esse vocábulo tem inúmeras realizações na fala dos goianos, mas a forma [vidʒⁱmũɲo] coloca em par os fonemas /v/ e /r/. Esses fonemas só têm o traço da sonoridade em comum e não fizeram par em nenhum outro item lexical. Parece ser uma realização isolada, só ocorreu com um falante na cidade de Jataí, sudoeste do estado, provavelmente baseada no desconhecimento da forma com o rótico, que é amplamente realizada por todo o estado.

Em *rotatória*, ocorreram três realizações entre outras que colocam o /d/, o /t/ e o /l/ em distribuição complementar. Em latim a forma *rolatore* resultou em *redor* em português. Então *rolatore*>*roladore*>*rodadore*, em seguida *rotadore*>*rotatore* e dessa forma surgiu *rotatória*. Na fala dos goianos, foram encontradas as três formas possíveis na diacronia do português [xotɐ'tɔɾjɐ] / [xotɐ'tɔɾjɔ] / [xodɐ'tɔɾjɐ] / [xolɐ'tɔɾjɔ]. A combinação do par /d/ e /t/ é facilmente perceptível pelos traços distintivos em comum, sendo de fato distintivo entre eles o traço da sonoridade. O caso é de dissimilação, tanto entre o /d/ e /t/, como entre /d/ e /l/ e entre /t/ e /l/.

As duas formas que mais ocorreram no estado foi [xotɐ'tɔɾjɐ] e [xolɐ'tɔɾjɔ]. Juntas tiveram mais ocorrências que todas as outras. A forma [xolɐ'tɔɾjɔ] ocorreu em Palmeiras de Goiás, com um informante apenas. Na mesma cidade, todos os outros informantes realizaram [xotɐ'tɔɾjɐ]. Assim, pode se supor que a forma de [xolɐ'tɔɾjɔ] tenha como forma ouvida e repetida [xotɐ'tɔɾjɐ]. O par de fonemas é /t/ e /l/. Neste caso não tem nenhum traço distintivo em comum entre os fonemas, o /t/ é oclusivo, dental, surdo e o /l/ líquido, lateral, alveolar. É um par improvável, explicável apenas como erro de pronúncia, ou mais bem dizendo desconhecimento da forma original.

Juquireiro [ʒuki'rɛrɔ] / [ʒũki'rɛrɔ] e *diquireiro* [dʒiki'rɛrɔ] foi a resposta para a mesma pergunta: *Como chama o trabalhador rural contratado para limpar pasto?*, a qual teve inúmeras respostas, sem que uma prevalecesse. *Juquireiro* [ʒuki'rɛrɔ] e *diquireiro* [dʒiki'rɛrɔ] ocorreram na mesma localidade, com informantes diferentes, em São Miguel do Araguaia, e [ʒũki'rɛrɔ] ocorreu em Aragarças, também às margens do Rio Araguaia, o que coloca as três formas num mesmo espaço geográfico. Trata-se da mesma significação, então, do mesmo item lexical, colocando o fonema /d/ e o fonema /ʒ/ como pares. Eles têm em comum apenas o traço da sonoridade, ambos são sonoros, porém é a

realização africada do fonema: /dʒ/, que acontece quando ele se aproxima do fonema vocálico /i/. Nesse caso, /dʒ/ tem muito em comum com /ʒ/. Em inglês, por exemplo, a ortografia e a pronúncia em muitas situações intercambiam letras para esses dois fonemas.

No item lexical *náfico* ocorreram ['naf^hko] / ['nafɪ] / ['nafu 'dũ 'k^waɾto] / ['nasko]. Essas foram respostas para a pergunta *Como chama o cavalo que tem uma perna mais curta?*, cuja principal resposta foi *manco* ['mẽko]. *Náfico*, portanto, quer dizer manco. Foram diversos informantes que deram essas respostas em muitos municípios do centro e noroeste do estado: Caldas Novas, Alto Paraíso, Quirinópolis, Bom Jardim, Vianópolis, Nova América, Nova Glória, Buriti Alegre, Rubiataba, São João d'Aliança e Araguapaz (MILANI e outros, 2015, p. 135). Tudo começa com o processo de haplologia, da forma original ['naf^hko] > ['nafɪ] ou ['nafu] > ['nasko], supostamente. O fato é que nesse vocábulo tem-se a substituição do fonema /f/ pelo conjunto /sk/. Substituição semelhante dos fonemas /f/ para /sk/ aconteceu com o item lexical *fósforo*. Foram realizadas as formas ['fɔsf^hrɔ] / ['fɔsfɾɔ] / ['fɔskɾɔ] / ['fɔsfu] / ['fɔsfɪ]. Supostamente é essa ordem de mudança fonológica, primeiro a proparoxítone ['fɔsf^hrɔ] passa a paroxítone ['fɔsfɾɔ], depois acontecem os outros processos. Em ['fɔskɾɔ], o fonema /f/ é substituído por /sk/. Nas outras realizações têm-se as sínopes, em ['fɔsfu] do /ur/, em ['fɔsfɪ] tem também a metafonia de /u/ > /i/.

No vocábulo *vesgo*, cujas realizações foram ['vezgɔ] / ['fiskɔ], tem-se um processo completo de ensurdecimento dos fonemas consonantais. O ensurdecimento é muito frequente na fala regional caipira informal e não se restringe aos falantes não escolarizados. Nesse vocábulo as mudanças estão perfeitamente previstas nos pares sonoro > surdo. Foi uma única ocorrência registrada, na cidade de Rio Verde, mesmo que seja comum entre os falantes do estado de Goiás. Em *balanço* [ba'lẽsɔ] / [ba'lẽgɔ] a substituição acontece também entre dois fonemas que tem traços distintivos completamente diferentes, com pontos de articulação distantes. Tanto a forma [ba'lẽsɔ] quanto a forma [ba'lẽgɔ] tiveram muitas realizações por todo o estado. Também são comuns em outros estados do Brasil, em toda a hipoglossia caipira.

A pergunta é *Como chama o dente que nasce por último?* A resposta esperada era *dente do siso*. As respostas foram muito variadas, predominando a resposta ['sizɔ], mas variantes desse vocábulo ocorreram por todo o estado de Goiás: ['sisɔ] / ['sizi] / ['sizɒ] / ['siziɪ] / ['sistɔ] / ['siw]. Os fonemas que ocorreram são pares frequentes, o que é surpreendente é a confusão de vocábulos, que têm significações muito distintas da de

dente do siso: cisne ['siznɪ], cisto ['sistɔ] e cio ['siw]. Cisto e cio provavelmente estejam baseados no efeito na boca que esse dente provoca e na idade em que ele aparece. *Cisto* porque causa muita dor em algumas pessoas. *Cio* seria o momento em que as pessoas entram na puberdade. A outra forma muito frequente é *dente quero* ['kerɔ], ou seja, dente do querer, quando a sexualidade está amadurecida, o que explica a troca por *cio*. A outra forma ['siznɪ] somente pode ser explicada como erro na compreensão ao ouvir siso ['sizɔ], repetindo um nome aproximado. Foram muitos os informantes que disseram essa resposta, por todo o estado, em todas as faixas de escolaridade: Crixás, Santa Terezinha, Edeia, Nova Glória, Paraúna, Porangatu, Santa Rita, São Simão, Pires do Rio, Ceres. Em algumas dessas localidades somente esta forma ocorreu nos informantes da amostragem. Também ocorreram as formas ['siznɔ], em Caldas Novas, Rubiataba e Quirinópolis, e ['sĩzɐ], em São João da Aliança.

Em *sangue suga*, as substituições estão baseadas na troca de traços distintivos por outros, em pares muito comuns na língua portuguesa da hipoglossia caipira. Ocorreram ['sẽgɪ 'sugɐ] / ['sugɐ 'sugɐ] / ['sẽmɪ 'sugɐ] / ['ʃugɐ 'ʃugɐ] / ['sugɪ 'ʃugɐ] / ['ʃẽmɪ 'ʃugɐ] / ['ʃĩmɪ 'ʃugɐ]. A substituição do fonema /s/ por /ʃ/ é regular, é a troca do ponto de articulação, os outros traços são iguais. A troca do /g/ pelo /m/ ocorreu em ['sẽmɪ 'sugɐ] e ['ʃẽmɪ 'ʃugɐ]. Nos dois casos pode se explicar pelo processo de dissimilação, é um vocábulo composto por dois itens lexicais que têm o /g/ na mesma posição do vocábulo. O que se percebe é que frequentemente ocorre a dissimilação ['sẽmɪ 'sugɐ] e ['ʃẽmɪ 'ʃugɐ] e também a repetição do segundo item duas vezes com a supressão do primeiro ['sugɐ 'sugɐ] / ['ʃugɐ 'ʃugɐ].

Considerações finais

O projeto do AUFAGO promoveu a coleta de dados por meio de entrevistas gravadas em oitenta cidades, pontos de coleta, espalhadas por todo o estado de Goiás. Neste texto, foram usados os mesmos dados utilizados para redigir o ALINGO – Atlas linguístico de Goiás – léxico fonético, ou seja, seis informantes, em cinquenta pontos de coleta, distribuídos por todo o estado, conforme o quadro 1.

Quanto à distribuição complementar dos fonemas consonantais foram encontradas as substituições regulares para a língua portuguesa, outras vezes, registradas e estudadas pela linguística diacrônica, e também substituições alofônicas inusitadas entre fonemas que não fazem par, porque possuem traços distintivos muito diferentes entre si.

Deve-se ressaltar que esses casos atípicos ocorrem isoladamente na maioria dos casos e dificilmente entrariam para o registro formal da língua, do registro informal tende a desaparecer.

Referências

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. São Paulo: Pontes, 1966.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Londres: George Allen & Unwin Ltda., 1933.

CALLOU, Dinah e LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

JAKOBSON, Roman. *Fonema e fonologia: ensaios*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1980.

MILANI, Sebastião Elias e outros. *ALINGO – Atlas Linguístico de Goiás – léxico-fonético*. Rio de Janeiro: Barra livros, 2015.

----- *Cartas fonológicas de Goiás*. Disponível para pesquisa e visto em 03/02/2018.
<http://www.labolinggo.letas.ufg.br/p/6204-alingo>.

SAPIR, Edward. *Language*. Nova Yorque: Harcourt, 1921.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 18a ed. Trad. de Antonio Chelini, Jose Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1995 [1971],